

Rituais fúnebres da Igreja Católica de rito Ucrâniano em Prudentópolis-PR

Juliane Martenovetko

Especialista em História Cultural – UNICENTRO-PR.

João Carlos Corso

Professor assistente no Departamento de História da UNICENTRO-PR.

Resumo: Este artigo analisa como a Igreja Católica de Rito Ucrâniano na cidade de Prudentópolis - Paraná, elabora e aplica os rituais fúnebres a seus descendentes. Pretendeu-se compreender a cultura dos descendentes de ucranianos, principalmente em relação ao modo em que representam a morte por meio do ritual religioso e estabelecem relações com o sobrenatural a partir dos rituais fúnebres, os quais envolvem rezas, como a “*Panaheda*” e a “*Parastás*”. Estas orações correspondem a práticas por meio de manifestações culturais. Nessa perspectiva, foram estudados rituais usualmente realizados em momentos fúnebres entre os descendentes de ucranianos em Prudentópolis. Fez-se necessário uma análise dos cantos, das fontes bibliográficas e fontes impressas como a revista “*Missionar*”, (Missionário) de periodicidade mensal, e o jornal *Praciá*, (Trabalho) publicado bimensalmente.

Palavras-chave: História Cultural, Cultura ucraniana, Rituais Fúnebres.

Introdução

Com a escolha do tema Rituais Fúnebres realizados pela Igreja Católica de Rito Ucrâniano, no município de Prudentópolis, desse modo, pretendeu-se compreender a cultura dos descendentes de ucranianos, principalmente em relação ao modo em que representam a morte por meio do ritual religioso.

Percebe-se que mesmo tendo ocorrido um processo de aculturação por parte dos imigrantes ucranianos desde sua chegada ao Brasil, estes continuam sendo influenciados pela Igreja Católica de Rito Ucrâniano.

A aculturação pressupõe afirmar que duas ou mais culturas entram em contato, e que neste contato há sempre trocas entre elas, em sua junção haverá o dar e o receber, seu contato sempre será transformador, pois o homem é um agente ativo, e diante do novo agirá sobre ele, construindo, desconstruindo e reconstruindo novos costumes, de acordo com as dificuldades que se deparam.

Os rituais fúnebres, tais como outros tipos de rituais praticados pelos ucranianos e seus descendentes, como os pascoais, objeto do meu trabalho

de conclusão de curso de graduação em História¹, também fazem parte da cultura ucraniana. Indicam as relações que seus praticantes estabeleceram e estabelecem com o sobrenatural e suscitam representações específicas de sua etnia no tocante à morte. Neste sentido torna-se importante analisar como a Igreja nomeia, institui, regulamenta os funerais dos descendentes de ucranianos.

Nota-se que a população de Prudentópolis, em sua grande maioria, segundo dados do IBGE², cerca de 75%, é de descendência ucraniana, fato que contribui para a justificar o motivo pelo qual este estudo se volta a essa considerável parcela da população, e uma vez que o município apresenta o maior índice de descendentes de ucranianos no Brasil, se comparado às outras colônias criadas na década de 1890.

O objetivo desta pesquisa foi analisar como a Igreja Católica de Rito Ucraniano elabora e aplica seus rituais fúnebres. Para tentar compreender a maneira como os descendentes de ucranianos estabeleceram relações com o sobrenatural a partir dos rituais fúnebres, os quais envolvem rezas, cantos, como a “*Panaheda*” e a “*Parastás*”³ que correspondem a práticas por meio de manifestações culturais.

Coube também resgatar a questão das condições envolvidas na produção das lembranças, rituais e costumes, vividos por seus descendentes, através da utilização da metodologia da história oral. A fonte oral foi uma das alternativas encontradas para estudar os rituais fúnebres. A partir do uso da história oral, utilizou-se de depoimentos, memória, lembranças, buscando analisar como a Igreja compreende o papel dos rituais fúnebres.

Em um segundo momento da pesquisa, a análise incidiu sobre os depoimentos orais de alguns descendentes de ucranianos, que foram escolhidos de acordo com aqueles que mais se enquadraram no objetivo da pesquisa.

1 Trabalho de Conclusão de Curso, no ano de 2007, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, com o título “Usos e costumes da Cultura Ucraniana no período pascal: Permanências e (des)continuidades em Prudentópolis.” Tendo como orientador o professor Odinei Fabiano Ramos. Departamento de História- DEHIS

2 Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. acesso em 11/05/2009.

3 *Parastas* e *Panaheda* são orações fúnebres que vem do Latim. *Parastas* cerimônia própria pelos defuntos onde há oferenda de pão. Nesse momento o defunto não está mais presente, pois o pão simboliza a vida. O *Parastas* é um ritual mais complexo, mas hoje somente é usado pra catequistas, irmãs e padres, simplificou-se muito, usa-se apenas uma pequena parte do cerimonial. Já a *Panaheda* é uma conclusão, é uma parte mais simplificada. É um pedido de encomenda das almas, usa-se canções específicas para esse cerimonial, geralmente são dedicados ao Sagrado Coração de Jesus e de Maria, também são cantos deprimente e tristes, há a oferenda de pão também nesse ritual. O padre é quem reza a missa, faz uma homilia lembrando sempre da vida, histórico, evidencia as virtudes do defunto, pedindo sempre para não haver o esquecimento do defunto, prega-se uma fé inabalável pós-morte. Acredita-se na ressurreição dos mortos. Reza-se também pelos que ficaram, é uma forma de consolo.

Aqui convém assinalar que, embora o número de sujeitos entrevistados seja reduzido, acredita-se que a qualidade das informações obtidas associada à extensa e variada literatura sobre o tema foi suficiente para a concretização do presente trabalho. Para a introdução da temática torna-se necessário fazermos algumas considerações sobre a história oral, ou mesmo sobre a construção do documento oral. Para Meihy:

História oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e referências à experiência social de pessoa e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva. (...) Não se deve considerar a história oral como um mero substitutivo para carências documentais, quer sejam qualitativas quer sejam quantitativas. Ela pode até vir a complementar algum conjunto documental a fim de explicar percepções de problemas, mas para isso depende de sua qualificação definida no projeto.⁴

Desse modo, pode-se dizer que a História oral é uma das alternativas encontradas para estudar os rituais que ainda hoje são lembrados em memória de seus antepassados e possíveis descontinuidades da cultura ucraniana através da documentação feita mediante o uso de depoimentos gravados e transformados em textos escritos, já que existe uma carência na existência de documentos escritos que abordam o assunto. Onde não há nada ou quase nada escrito, as tradições orais devem suportar o peso da reconstrução histórica. As versões ditas por eles constituíram o passado, dando sentido e significações que poderão contribuir na reconstrução das lembranças e na crença desse povo na ressurreição dos mortos para a vida eterna.

Alguns rituais foram analisados a partir de entrevistas feitas com os sacerdotes da igreja ucraniana, conhecidos por serem os mais antigos sacerdotes da comunidade, intitulados como grandes conhecedores da cultura ucraniana. Dessa forma foi possível analisar se os rituais que são realizados pelos sacerdotes sofreram mudanças no decorrer da época estudada, apesar do esforço em que estes têm em manter as tradições de origem.

Outras informações obtidas foram a partir de entrevistas realizadas com a senhora Cecília Grechenski, de trinta e sete anos, moradora na Linha Esperança, interior de Prudentópolis. A escolha deu-se em razão da mesma ser considerada uma das mais conhecedoras da cultura ucraniana e também por ser ex-catequista, podendo assim, estar traduzindo alguns termos em ucranianos que nos deparamos em algumas entrevistas.

A morte na História

O ser humano constitui a única espécie em que realiza práticas de ritos fúnebres, e alguns povos, acreditam em vida após a morte, e também

4 José Carlos Sebe Bom Meihy, *Manual de história oral*. (São Paulo: Loyola, 2000), 25-27.

em ressurreição dos mortos. Assim, os valores do homem estão muitas vezes associados às crenças perante a morte, transmitidos de geração à geração. Muitos povos acreditam que a forma de se viver influenciará na vida após a morte, ou seja, as formas de viver têm amplas relações com o fim. Para isso, são realizados vários rituais fúnebres a fim de ajudar na passagem dessa vida para a outra, e posteriormente na ressurreição dos mortos.

No entanto cabe-nos uma pergunta: O que é a morte? Eis que representa um mistério e, tal fenômeno alija o homem de qualquer compreensão humana. É nesse contexto que Certeau nos fala da difícil tarefa de nomeá-la. Segundo ele a morte reflete aquilo que não se pode falar:

O fato de recalcada, a morte voltar numa língua exótica (a de um passado, de religiões antigas, ou de tradições remotas); o fato de ela ter que ser evocada em dialetos estranhos; o fato de ser tão difícil dizer-la em sua língua quanto morrer “em casa”, isto define um excluído que só pode voltar disfarçado. Sintoma paradoxal dessa morte sem frases, toda uma literatura designa o ponto onde se focalizam as relações com o insensato. O texto prolifera em torno dessa ferida de uma razão. Mais uma vez, ele se apóia naquilo que só pode ser calado. A morte, eis a questão do sujeito.⁵

Para Certeau, seria mais fácil simbolizar, representar a morte do que encontrar palavras suficientes para relatá-la, visto que toda palavra é uma forma de representação.

As interpretações e a abrangência simbólica passam a fazer parte de um campo comum sobre o qual os historiadores se debruçam, propiciando também uma multiplicação dos possíveis objetos de estudo. Isso pressupõe um jeito diferenciado de se pensar a cultura e considerá-la como um conjunto de significados que os homens constroem e compartilham para explicar o mundo.

De acordo com Pesavento,

A cultura é uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa.⁶

Com tal perspectiva de se traduzir a realidade ou compreender o mundo, Chartier e Bourdieu compartilham a ideia de que as representações são portadoras do simbólico, isto é, dizem mais do que anunciam, são carregadas de sentidos, são portadoras do não-dito.

Cientistas, historiadores, religiosos, antropólogos procuram entender

5 Michel de Certeau, *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*, (Tradução de Ephraim Ferreira Alves, 10ª ed. Petrópolis, R.J, Vozes, 1994), 10.

6 Sandra Jatahy Pesavento, *História e história cultural*, (Belo Horizonte: Autêntica, 2003), 15.

e discernir o que é a morte, todos trazem percepções, mas ainda encontra-se incongruente a explicação do que vem a ser a morte.

Dessa forma, a morte pode ser vista a partir de várias concepções, ideias, interpretações, dependendo muito da relação que se tem com a cultura e também de acordo com cada período histórico. Ela pode ainda ter rituais característicos que a diferencia um povo dos demais. É importante frizar que nosso objeto não é a morte, mas os rituais fúnebres realizados diante da morte.

Para Gaarder⁷ o hábito de realizar rituais a seus falecidos já nos remete aos gregos, onde eles já faziam sacrifícios a seus mortos. Eles já acreditavam na vida após a morte, por isso era comum enterrá-los com ornamentos de guerra, armas e alimentos. Então podemos dizer que a idéia de vida após a morte não é nova.

Nos complementa Gaarder: “*Em várias sociedades, os mortos continuam existindo sob a forma de espíritos ancestrais, em íntima proximidade com os vivos. Eles oferecem aos vivos segurança e proteção, e em troca exigem que se façam sacrifícios em seus túmulos*”.⁸ Segundo o autor, o homem busca incessantemente uma explicação do que é a morte, muitas pessoas se preocupam ainda em saber o que acontecerá com elas depois da morte. Esta necessidade de encontrar respostas sobre a pós-morte é um dos terrenos férteis das religiões, as quais apresentam as mais diversas teologias da morte.

O ritual fúnebre diante da morte, também pode ser visto e compreendido como uma última homenagem ao falecido, sendo que só depois de morrer é que o homem tem seu valor reconhecido, suas atitudes perante a morte são reveladas. Podemos conferir nas palavras de Certeau: “*Quando não sou mais nada, só então me torno verdadeiramente um homem*”⁹. Segundo essa afirmação o valor do homem é reconhecido e revelado em seus rituais fúnebres.

Porém, não há como negar que muitos valores os quais eram atribuídos à morte sofreram mudanças e rupturas com o passar do tempo e com o desenvolvimento da sociedade.

De acordo com Weber e Simmel essa nova forma de encarar a morte se dá devido ao processo de racionalização e de individualização. A prática de se enterrar os corpos nas Igrejas vem sendo substituída por enterrá-los em cemitérios, e novas atitudes diante da morte também foram revitalizadas.

O ato de enterrar os mortos em contato com a Igreja era a fim de que os vivos se lembrassem deles em preces, era uma forma de interceder pelos

7 J. Hellern Gaarder e H. Notaker, *O livro das religiões*, (São Paulo: Companhia das Letras, 2000), 12.

8 Gaarder, 12.

9 Michel de Certeau, *A invenção do cotidiano: 1*, 296.

mortos. A forma de relacionamento entre vivos e mortos que Áriés¹⁰, chama de excessivo sentimento de familiaridade, hoje parece-nos incompreensível.

A partir do século XIX, com as idéias sanitaristas e higienistas introduzidas no Brasil, o cemitério tornou-se o lugar ideal para os mortos, o que vem experimentar novos cultos destinados em memória aos mortos, preenchendo de rituais fúnebres essa nova mentalidade.

Com a Lei funerária¹¹ (Interment Act), foi decretado em 1851, a proibição de sepultamentos no interior das Igrejas. Dessa forma a Igreja ainda manteve o ritual religioso em torno do funeral, apesar que também passa a haver a necessidade de um ritual laico em torno da morte, com a necessidade do Estado conceder um certidão de óbito.

Todas essas mudanças diante dos rituais fúnebres, Vovelle conceitua como sendo um “novo culto dos mortos”. Para ele “*o verdadeiro além-mundo é constituído pela memória coletiva dos vivos*”¹². Esses novos ritos apresentam-se em geral como reaproveitamento de tradições, as vezes são deformados e retomados a partir de um novo ângulo, a partir de mudanças na mentalidade humana.

Uma nova cultura religiosa que surge no final do século XVIII, e se difunde mais necessariamente no século XIX, e que o catolicismo adota, é o culto do túmulo nos cemitérios, ligados à memória dos falecidos. Esse culto segundo Ariés¹³ é conhecido como “*O Dia dos Mortos*”, o que conhecemos como “*Dia de Finados*”.

Certeau também nos mostra algumas mudanças referente à forma de encarar a morte. Vejamos essa mudança nas palavras de Certeau:

Dessa escritura “literária” que vai se construindo numa relação com a morte, distingue-se o sistema “científico” (e escriturístico também) que parte de uma ruptura entre a vida e a morte, e que encontra a morte como o seu fracasso, sua queda ou ameaça. Há três séculos, foi necessário por essa divisão da vida e da morte, para que se tornassem possíveis os discursos plenos da ambição científica, capazes de capitalizar o progresso sem sofrer a falta do outro. Mas a sua mutação em instituições de poder foi a única que lhes permitiu constituir-se.¹⁴

O autor ainda enfatiza que a morte é um processo natural, normal e sendo uma necessidade para a reprodução da espécie. Ou seja, é necessário nascer, reproduzir e morrer para dar lugar aos novos indivíduos que estão

10 Philippe Ariés, *História da morte no Ocidente*, (Tradução: Priscila Viana de Siqueira, Rio de Janeiro: Ediouro, 2003).

11 Cf Michel Vovelle, *Imagens e imaginário na História. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*, (Tradução Maria Julia Gold Wasser. São Paulo: Ática, 1997).

12 Michel Vovelle, *Imagens e imaginário na História*, 350.

13 Philippe Ariés, *História da morte no Ocidente*.

14 Michel de Certeau, *A invenção do cotidiano: 1*, 300.

nascendo. Sendo assim ele nos acrescenta: “*a morte é condição de possibilidade da evolução. Que os indivíduos percam o seu lugar, eis a lei da espécie.*”¹⁵

De acordo com a religiosidade de cada povo é que se têm suas culturas sistematizadas. Hermann nos afirma que “*conferia-se a religião um sentido pragmático, mas, sobretudo social, na medida em que possuía o papel de reestruturar a vida do grupo através de uma reaproximação ritual com o tempo mítico das origens.*”¹⁶ O indivíduo inserido e idealizado num grupo, ele se reconhece entre seus iguais, e as determinações sócio-culturais orientam-no a seu universo do pensável e do imaginável dentro do qual essas representações se efetuam.

A autora refere-se a questões de representações coletivas ou simbólicas. Ela busca uma base tentando encontrar um fundamento da existência humana com a sociedade onde vive. Para Hermann, as representações são construídas a partir do social. A religião, por exemplo, é uma concepção coletiva e não apenas uma consciência individual. Só é reconhecida como sendo importante a partir do reconhecimento do coletivo, pois como a autora nos afirma, não há religião individual ou particular, mas há o que chamamos de representação do coletivo da própria sociedade.

Os ucranianos em Prudentópolis

A religião só é reconhecida como sendo importante a partir do reconhecimento do coletivo, pois como o autor nos afirma, não há religião individual ou particular, mas há o que chamamos de representação do coletivo da própria sociedade.

Mas antes de darmos início ao estudo do legado que compõem os rituais fúnebres entre os descendentes de ucranianos, acreditamos ser de grande relevância resumir aspectos da origem do povo ucraniano até sua chegada ao município de Prudentópolis. Existem muitos estudos sobre a imigração ucraniana no Brasil, no Paraná e em Prudentópolis. Sobre a Ucrânia, Pimentel nos descreve:

A Ucrânia, antiga república soviética, está localizada no Centro-Leste da Europa. Uma nação eslava que está situada ao sul com os mares Negro e Azov, a sudoeste com a Moldávia, Romênia, Hungria e antiga Tchecoslováquia, a noroeste com a Polônia, ao norte com a Bielo Rússia, a nordeste com a Rússia. Sua área de 603.700 mil quilômetros quadrados teve sua origem no Principado de Kiev, cidade na qual é

15 Michel de Certeau, *A invenção do cotidiano: 1*, 302.

16 Jacqueline Hermann. “*Historia das Religiões e Religiosidades*” In: Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas. *Domínios da Historia: ensaios de teoria e metodologia*, (Rio de janeiro: Campus, 1997).

a sua capital e denominada como centro da vida cultural da nação ucraniana.¹⁷

Segundo Boruszenko, a política imigratória no Brasil inicia-se no final do século XIX, e meados do século XX. O governo preocupava-se com os “vazios demográficos”, pois se fazia necessário a ocupação dos solos, surgindo assim a necessidade de estimular a vinda de imigrantes de qualquer procedência. Acrescenta Boruszenko “... a imigração é investimento compensador: de um lado, o imigrante significa capital de trabalho; de outro, é portador de bens culturais que enriquecem a sociedade de adoção.”¹⁸

Os primeiros imigrantes ucranianos chegaram ao Brasil em 1891, aproximadamente trinta famílias vindas da região da Galícia, Ucrânia Ocidental. Segundo Corteze e Fontana “o principal fator de atração de milhares de imigrantes para o Sul do Brasil foi o acesso à propriedade de terra.”¹⁹

De acordo com Zaruski as “famílias ucranianas chegaram ao Brasil (...) em busca de melhores condições de vida e apostando num futuro promissor.”²⁰ Desse modo, pode-se dizer que a vinda dos ucranianos para o Brasil, deve-se à escassez de terras para o cultivo, isto é, os ucranianos viam-se sem perspectivas de futuro e, esperançosos, resolveram buscar novos horizontes, ou seja, trilhar novos caminhos, induzidos pela propaganda brasileira.

Para Corteze e Fontana:

Os imigrantes, logo que chegaram, construíram abrigos, abriram estradas e iniciaram o trabalho de desbravamento das matas para construir suas casas e para iniciar o plantio. Eram plantados produtos para sua própria subsistência, como milho, trigo, frutas. As pequenas unidades agrícolas e artesanais coloniais estavam voltadas à auto-suficiência relativa.²¹

Em relação à colonização ucraniana no Brasil, Boruszenko afirma que:

Foi a partir de 1908 que ocorreu a segunda etapa da colonização ucraniana, durante a construção da estrada de ferro Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O governo brasileiro, com a finalidade de atrair os interessados para essa grande obra,

17 Gláucia Meister Pimentel, *Esses maravilhosos imigrantes, nossos avós*, (Curitiba: Editora Paranaense, 1998).

18 Oksana Boruszenko, *Os ucranianos*. (2 ed. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995. v.22), 10.

19 SEMINA. *Cadernos de Pós-graduandos do Programa de Pós-Graduandos em História*, (Universidade de Passo Fundo, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Vol 1, n. 3) *apud* Dilse Piccin Corteze e Clair Fontana, *A superioridade étnica e os fatores do sucesso da região colonial italiana do Rio Grande do Sul: mito e história*. (Passo Fundo: UPF, 2004), 68.

20 Nelson Gilmar Zaruski, *A utilização do tempo pelos imigrantes ucranianos de Prudentópolis 1940-1960*, (Curitiba: Gráfica Prudentópolis, 2001), 05.

21 Dilse Piccin Corteze e Clair Fontana, 68.

oferecia as passagens de navio e as despesas com mantimentos. Milhares de eslavos foram se instalando nas margens da ferrovia que construíram, em Iratí, Ponta Grossa, Mallet, Dorizon, Paulo Frontin e União da Vitória. Essa segunda etapa prolongou-se até a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Atualmente no Brasil, há cerca de quatrocentos mil ucranianos e seus descendentes, dos quais, noventa por cento estão no Paraná.²²

Para o progresso esperado no Brasil, era necessária uma política imigratória, destinada a trazer ao país um elemento estrangeiro “útil à formação da economia”, e porque não dizer à própria “formação brasileira”.

Lesser nos fala desse processo:

Na verdade, os imigrantes e seus descendentes desenvolveram maneiras sofisticadas e bem-sucedidas de tornarem-se brasileiros, alterando a idéia de nação, tal como proposta pelos que ocupavam posições de domínio.²³

Podemos dizer que o Brasil teve um processo de imigração com duplo objetivo, uma vez que desejavam a mão-de-obra barata, mas desejavam um Brasil europeizado, com a política do branqueamento . Assim Lesser nos complementa:

a posição eugênica de que uma única “raça nacional” era biologicamente possível fornecia um arcabouço ideológico conveniente para o apoio dado pelas elites nacionais e imigrantes às políticas que visavam promover o ingresso de imigrantes “desejáveis”, que viriam a “embranquecer” o país. As políticas influenciadas pela eugenia, a principio, favoreceram a entrada de trabalhadores alemães, portugueses, espanhóis e italianos, como “braços para a lavoura.”²⁴

Mas no contexto em que os imigrantes foram chegando tornou-se necessário que se inserissem nos paradigmas sobre a identidade nacional que estavam sendo construídos no Brasil.

No que diz respeito a imigração ucraniana no Paraná, segundo Boruszenko, pode-se dizer que os imigrantes chegaram em três etapas distintas:

A primeira, que data do final do século XIX, foi feita por lavradores que imigraram da Galícia e de Bukovina, leste da Europa, por razões sócio-econômicas; a segunda se deu por questões políticas, quando, no início dos anos 20 (século XX), a Ucrânia Ocidental foi posta sob a soberania da Polônia, fato que ocasionou um grande êxodo de ucranianos para os países das Américas, vindo uma parte para o Paraná; e a terceira, que se constituiu no maior movimento imigratório ucraniano, aconteceu após a Segunda Guerra Mundial, quando mais de duzentos mil ucranianos vieram para países americanos, sendo que de novo foi o Paraná o Estado preferido por

22 Oksana Boruszenko, *Os ucranianos*, 12.

23 Jeffrey Lesser, *A negociação da identidade nacional*. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. (São Paulo: Editora Unesp), 20.

24 Jeffrey Lesser, 20.

eles.²⁵

Em Prudentópolis, “os ucranianos chegaram no dia 16 de abril de 1896 em carroças, instalando-se provisoriamente em barracas até serem encaminhados para seus lotes de terra.”²⁶ Segundo dados do IBGE (2007) o território do município é de 2.307,897 km de superfície e sua população total é de aproximadamente 48.852 habitantes, sendo que aproximadamente trinta mil residem na zona rural. Apesar dos censos oficiais serem incompletos, cerca de setenta e cinco por cento da população são descendentes de ucranianos, ou seja, estes constituem a maioria da população do município.

Como relata Zaroski²⁷, os ucranianos chegaram à vila de São João de Capanema (Prudentópolis), “em carroças” através do serviço imigratório do Paraná. Instalaram-se provisoriamente em barracas junto à vila, pois nesse período o governo estava fazendo a demarcação de lotes de terras para os imigrantes serem instalados.

Pode-se perceber através dos descendentes de ucranianos que sua cultura contém elementos de tradições vindas da Ucrânia, mas também que tiveram que estabelecer adaptações e simbiose com outras culturas locais.

Há indícios de que, pelas dificuldades de comunicação, e possivelmente pela falta de sacerdotes, os descendentes solicitaram sacerdotes ucranianos. Segundo Burko:

E eis que chega, em junho de 1897, o primeiro missionário da Ordem de São Basílio o Grande, o Revmo. Pe. Silvestre Kizuma. Parte ele de Leópolis aos 11 de maio de 1897 e chega ao Brasil com o navio “Córdoba”, no mês seguinte. Aos 21 de junho já se encontra em Curitiba, no Paraná, onde passa como ele mesmo escreve (...) nove dias confessando os fies, desde a madrugada até alta noite. Estes acorriam, com lágrimas de alegria nos olhos, de todos os recantos do município.²⁸

De acordo com Burko a chegada de um sacerdote ucraniano, no município de Prudentópolis, também ocorreu no ano de 1897. Pode-se perceber que a Igreja teve uma preocupação em se fazer presente junto a estes imigrantes.

Observa-se que a religião tem papel importante para os descendentes de ucranianos, isso devido a permanência de rituais religiosos, práticas devocionais, manutenção de Igrejas, como também a permanência de um calendário litúrgico próprio da cultura ucraniana.

Por outro lado, é possível perceber que a Igreja Católica de Rito

25 Oksana Boruszenko, *Os ucranianos*, 12.

26 Nelson Gilmar Zaroski, *A utilização do tempo pelos imigrantes ucranianos*, 24.

27 Nelson Gilmar Zaroski, 11.

28 Valdomiro Burko, *A imigração ucraniana no Brasil*, (2ª edição. Curitiba: OSBM, 1963), 63.

Ucraniano investiu na cidade de Prudentópolis por meio da construção de Igrejas, seminários e conventos. A cidade se tornou importante para a própria manutenção desta Igreja e suas estruturas, provavelmente pelo grande número de imigrantes que se estabeleceram neste local.

Pode-se dizer que as tarefas dos sacerdotes nos primeiros anos após a imigração eram bem complexas. Cabia a ele catequizar, batizar, preparar para a primeira comunhão, realizar casamentos, rituais fúnebres, bem como confortar os familiares do falecido com o apoio espiritual, entre outras tarefas:

percorria (...) em busca de outras almas para levar-lhes o conforto da religião e a renovação da vida pregando por toda parte, confessando celebrando o santo sacrifício da missa e prestando outros serviços pastorais.²⁹

Sem dúvida, houve necessidade de sacerdotes ucranianos pela dificuldade de comunicação com os padres brasileiros, no entanto, não é descartada a idéia de que a preferência pelos padres ucranianos possa ter sido uma estratégia para manter sua identidade.

O emaranhado histórico-social que os imigrantes ucranianos encontraram no Brasil exigiu deles que continuassem a reestruturar seus costumes, o que implicou muitas vezes, em certa resistência à cultura local. Mas não isso não significa que estes imigrantes não modificaram sua cultura.

Considerando que se tratava de um grupo estrangeiro, e que tudo lhes era desconhecido e aparentemente adverso, a segurança e manutenção de seus valores socioculturais poderiam ser a princípio considerados mais importantes do que a questão econômica. Desse modo esta tentativa de manutenção seria um dos fatores responsáveis pela sobrevivência da cultura ucraniana na cidade de Prudentópolis.

Por outro lado, a forte presença da Igreja Católica de Rito Ucrainiano mostra que houve uma instituição que tinha como objetivo a manutenção desta cultura. Neste sentido a cultura ucraniana foi sendo construída e gestada por intermédio da Igreja.

Os problemas que surgem então se referem às lutas de representação, de acomodação e de oposição, naturais ou instituídas, logo, uma das preocupações que passa a vigorar é com o modo como os signos são concebidos e produzem novos significados, o modo como as práticas são apropriadas e representadas, as estratégias para certo reconhecimento ou valorização de uma identidade específica. Então a constatação é a de que as apropriações entre os diferentes grupos nunca ocorrem de forma totalitária e igualitária, pois, são acompanhadas de implicações, de situações, de interesses, de um contexto específico o qual os historiadores da cultura devem ficar atentos.

Segundo Burko, a religião fazia parte da vida dos imigrantes

29 Valdomiro Burko, *A imigração ucraniana no Brasil*, 64.

ucranianos. Para ele a religiosidade é um fator importante da cultura. Quando observarmos as colônias do interior de Prudentópolis, logo se constata que em todas as “linhas” ou colônias, existem construções de Igrejas com base na arquitetura bizantina.

Essas inúmeras igrejas construídas podem ser atribuídas à religiosidade, à devoção, à valorização dos rituais e tradições pelos descendentes de ucranianos. Mas também podem ser fruto do trabalho da Igreja que buscou manter esta religiosidade.

Pode-se perceber a presença de práticas religiosas também no cenário fúnebre entre os descendentes de ucranianos. Desse modo a Igreja tem uma presença no cotidiano desta população, buscando se inserir e se manter necessária a esta população. Um desses momentos de se fazer presentes é diante da morte. Por meio dos rituais que perpassam todo o velório, o enterro, as missas de homenagem percebe-se a presença da Igreja de modo marcante.

Conforme Gomes:

(...) as opiniões religiosas não têm uma incidência unicamente sobre a busca de sentido para a existência, mas a têm igualmente sobre os comportamentos, ordenando toda a vida do homem crente, inclusive suas práticas sociais(...).³⁰

Percebe-se que ao morto é atribuído valores e méritos decorrentes de sua participação na Igreja Católica de Rito Ucraniano. O seu vínculo com a Igreja e suas contribuições com o grupo religioso traz a possibilidade de que seja homenageado e valorizado. Para a Igreja este é um meio de incentivar a participação em seus rituais, pois se atribui uma recompensa após a morte aos que frequentam a Igreja e suas práticas, a recompensa é a vida eterna, ou seja, o paraíso.

A cultura

Para se compreender as representações sobre a morte na cidade de Prudentópolis, o conceito de representação de Roger Chartier é essencial. Este conceito inseriu-se no campo da História, mais especificamente no da História Cultural, a partir da década de 1970 e tornou-se imprescindível. Pois, permitiu que se estudasse a cultura partindo, fundamentalmente, dos códigos, símbolos, manifestações e práticas individuais ou coletivas dos povos.

Roger Chartier, um dos mentores da História Cultural, denota a identidade e a representação como conceitos fundamentais para a compreensão dos indivíduos e os grupos em suas acepções culturais, referentes às práticas, e sociais, referentes às relações. Pela identidade permeiam questões como a endoculturação, a aculturação e o etnocentrismo, tais questões

30 Francisco José Silva Gomes. “A religião como objeto da História”, In: *VIII Encontro Regional de História – Vassouras 1998*, (Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad: 2002), 17.

são fundamentais para a reflexão sobre a formação de uma sociedade, por exemplo. A endoculturação consiste num processo de aprendizagem sócio cultural em que há uma interiorização e compartilhamento de características que se efetivam num determinado ambiente social e cultural.

A concepção de etnocentrismo se vincula ao conceito de representação apresentado por Chartier em suas considerações sobre a relação do homem ou do grupo com o seu mundo social, esta relação se refere à práticas:

Práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe.³¹

O conceito de representação é revalorizado porque é concebido como o principal conceito para auxiliar na compreensão das práticas e até mesmo da própria estrutura. Estas práticas, as quais Chartier se refere,

São carregadas de sentido e podem revelar um estatuto, uma posição, bem como, marcarem de modo visível a existência de um grupo, de uma comunidade, ou da classe. Neste sentido, as práticas visam a fazer reconhecer uma identidade social e, portanto, também são construtoras do próprio mundo social.³²

Daí a noção de se pensar o mundo como representação, pois:

As representações do mundo são os componentes da realidade social. As relações econômicas e sociais não são anteriores às culturais, nem as determinam; elas próprias são campos de práticas culturais e produção cultural, o que não pode ser dedutivamente explicado por referência a uma dimensão extracultural da experiência.³³

Tal concepção é relevante para se compreender como a partir de algumas variáveis uma sociedade se sobrepõe, determina, classifica e subordina outra a uma condição inferior. A maneira como isso ocorre é possível de ser observada, em um discurso, por exemplo, seja este de ordem social, política ou cultural.

Dentro desta perspectiva, buscou-se analisar a partir das concepções de autores que trabalham sobre o conceito cultura. Este termo encontra-se multifacetado, pois vem sofrendo desgaste de sua utilização em diferentes sentidos e na própria dificuldade de explicitá-lo.

Considera-se que a partir da metade do século XX, os historiadores

31 Roger Chartier, “O Mundo como representação”, In. *Estudos Avançados*, (vol.5, nº11. São Paulo: Jan/apr), 183.

32 Roger Chartier, 183.

33 Lynn Hunt, *A nova história cultural*, tradução Jefferson Luiz Camargo, (São Paulo: Martins Fontes, 1992) 09.

se apropriaram de novos conceitos por meio de uma releitura de alguns estudiosos das áreas de Ciências Humanas, como por exemplo, a antropologia. Segundo Pesavento, “a cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica”.³⁴ De acordo com Falcon,

(...) embora os historiadores utilizem o conceito de cultura, toda vez que o utilizam em seus textos, às chamadas manifestações culturais, nem sempre refletem sobre tal conceito. Hoje, porém, eles já admitem que a palavra “cultura” não possui qualquer transparência de significação. Desse modo, a concepção de cultura pode ser evocada tanto no sentido antropológico dado pelas ciências sociais, como no sentido subjetivo.³⁵

Pode-se dizer que a cultura é um elemento que requer mais interpretação do que explicação, um empreendimento sem fim, que o fato de pensá-lo, questioná-lo supõe enriquecimento e modificação. Nessa perspectiva, entende-se que a cultura está num constante processo de transformação e agregação.

Nesse sentido, Thompson também introduz uma visão da cultura enquanto campo de significados que estão em movimento e que são construídos a partir de conflitos sociais ou diante da emergência de novas realidades. Em outras palavras:

Não existe cultura em estado “puro” e tampouco se pode falar dela em termos de consenso ou no singular, também não se deve remeter, de forma imediata, a cultura à tradição, pois, como tudo na história, ela se constrói e opera no interior de relações sociais específicas, liga-se ao universo do trabalho, existe efetivamente enquanto prática e é compartilhada dentro de territórios definidos.³⁶

Entretanto, o presente trabalho apoiou-se com mais afinco aos rituais culturais que são realizados em memória dos antepassados descendentes de ucranianos. Parte-se do princípio, de que não cabe ao historiador julgar a veracidade dos fenômenos religiosos, mas sempre levar em consideração a distinção entre lugar social e epistêmico do historiador, entre as suas convicções religiosas e os objetos teóricos com os quais tem de lidar.

Representações sobre a morte dos jornais *Prácia* e *Missionar*

Fez-se necessário ainda, uma análise das notas com anúncios de falecimentos impressos na revista “*Missionar*”, (Missionário) de periodicidade mensal, e do jornal *Praciá*, (Trabalho) publicado bimensalmente, são

34 Sandra Jatahy Pesavento, *História e história cultural*, 15.

35 Francisco Falcon, *História Cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*, (Rio de Janeiro: Campus, 2002), 12-15.

36 Cf Edward Palmer Thompson. *Costumes em Comum*. (São Paulo: Cia das Letras, 1998).

publicações efetuadas em Prudentópolis pelos padres Basilianos os quais procuram manter suas tradições, culturas, religiosidade e idioma. Ambos, *Missionar e Praciá* possuem páginas que são destinadas aos falecidos que fazem parte da comunidade de descendentes ucranianos.

O discurso que se observa em relação aos falecidos, destaca minuciosamente a vida religiosa que a pessoa teve, ou seja, essas publicações são voltadas aos fiéis que tiveram uma relação estreita com a igreja e a comunidade.

São descritas detalhadamente, todas as suas virtudes, suas origens, onde e como viveu, se teve filhos, como os mesmos foram educados, suas devoções e sua vida voltada à Igreja. Todos esses dados são repassados ao Jornal “*Prácia*” através da família e/ou amigos. O discurso que o Jornal enaltece dá ênfase aos aspectos religiosos, às crenças e hábitos cultivados pela fé católica.

Conforme relatos do Padre Tarcisio Zaluski, “*a função do Praciá não é apenas levar a palavra de Deus a seus fiéis, mas também manter seus costumes e seu idioma.*”³⁷ Para Zaluski, esses jornais eram escritos com o intuito de manter a fé, os costumes religiosos, para que dessa forma, a cultura ucraniana não desaparecesse.

Devido ao fato de que haviam poucos padres ucranianos em Prudentópolis no início da imigração, a Igreja percebeu a necessidade de manter outros laços com os imigrantes e descendentes e desse modo criou o Jornal *Prácia*. Este passou a ser outro meio de fazer chegar a voz da Igreja até a população de Prudentópolis. “*No começo tivemos apenas cinco padres ucranianos no Brasil, eram poucos, então fundaram a revista Missionar, que era mensal, para se ter uma orientação do rito.*”³⁸

O Jornal *Prácia* serviria para descrever as práticas pastorais, bem como orientar de forma religiosa seus imigrantes. “*O Jornal Prácia é um material muito completo, sempre quando procuro informações sobre acontecimentos religiosos, fico horas pesquisando os jornais, e se não tiver nada no Prácia, (...) Ah, não vai ter em nenhum outro lugar.*”³⁹ Percebemos o valor agregado pelo padre ao jornal. Dessa forma a Igreja católica também se mantém presente, se fazendo ouvir, criando suas representações através dos discursos feitos nos jornais.

Dessa forma as atividades e as informações do seu país de origem estavam sempre sendo repassadas. Percebe-se desse modo como a Igreja estava preocupada em se aproximar dessa população por meio da idéia de

37 Tarcisio Zaluski, *Jornal da Paróquia Ucrainiana*, S/D.

38 Atanásio Antonio Kupicki, pe. *Entrevista* concedida a Juliane Martenovetko em 24/04/2009.

39 Atanásio Antonio Kupicki, pe. *Entrevista*.

manter laços culturais com a Ucrânia.

Desse modo os jornais podem ter colaborado na manutenção de traços culturais, principalmente no sentido religioso. Sendo que os Jornais *Prácia e Missionar*⁴⁰ encontram-se em plena atividade funcional, trazendo as informações a seus descendentes de ucranianos, e também as orientações religiosas a seus devotos.

Rituais fúnebres sob o olhar do padre católico ucraniano

Observa-se entre os descendentes de ucranianos no município de Prudentópolis, uma certa diferença no que diz respeito ao “*Dia de Finados*”. Para eles o dia de lembrar-se de seus antepassados se faz uma semana depois da Páscoa, em função de um calendário próprio do rito ucraniano.

Segundo Zaluski⁴¹, os rituais ucranianos são mais extensos. “Costuma-se visitar os cemitérios uma semana depois da Ressurreição, até a Assunção de Cristo, que dura quarenta dias, eles vão levar aos falecidos a mensagem de Ressurreição, isso é muito bonito.” Usa-se durante esse período a frase: “Chrestos Vosces”, que significa “Cristo ressuscitou dos Mortos”. E se responde: “Voistenos Vosces,” Que compreende: “Sua morte trouxe a vida aos mortos.”

Muitos cantos foram traduzidos para o português, pois se tem grande importância em velórios a realização de inúmeras cantorias, “*zapormecha*” são canções pelos falecidos, os quais são especiais para o momento fúnebre, pois apresentam significados tradicionais e culturais. Analisamos assim se continuam sendo os mesmos ou se com o decorrer do tempo também foram modificados. Segundo Kupicki são usadas melodias apropriadas para essa ocasião, geralmente são melodias tristes. Há diferenças entre os cantos.

A seguir referenciamos e analisamos os cânticos mais utilizados entre os rituais fúnebres:

Eu vos suplico, ó Bondoso, envolvi com a Vossa luz divina a alma daqueles que desde o amanhecer com amor Vos procuram para Vos conhecer, ó Verbo do

40 A gráfica Prudentópolis foi fundada pela Associação de São Basílio Magno em 1911, a gráfica inicialmente conhecida como Tipografia, foi criada para atender à trabalhos internos da Associação e da comunidade local, imprimindo também os Jornais *Missionar* e *Prácia* em língua ucraniana, uns dos mais antigos do país com vinculação internacional para a comunidade ucraniana. Em 1952, para atender as necessidades da cidade de Prudentópolis e dos municípios vizinhos, a “Tipografia” iniciou atendimento externo, mudando para o nome de “Gráfica Prudentópolis”. Dados encontrados no site da Gráfica Prudentópolis em: www.graficaprudentopolis.com.br.

41 Tarcisio Zaluski, OSBM, *Jornal da Paróquia Ucraniana*, S/D.

Verdadeiro Deus, que liberta das trevas do pecado.

Esses cantos são oferecidos aquele falecido que se encontra no pecado. As trevas representam o inferno, e cabe aos familiares do falecido rezar para que com a oração possa ajudá-lo a sair das trevas, que representam o inferno. Para isso a súplica ao Deus bondoso se faz necessária. Tais cânticos enaltecem que somente aqueles que procuram o vosso amor terão a vida eterna.

Convertestes as chamas em orvalho para os Santos, e consumistes pelo fogo a água vertida sobre o sacrifício do justo, porque Vós, ó Cristo, podeis fazer tudo o que for da Vossa vontade. Nós Vos glorificamos por todo o sempre.

Constatamos o poder de transformar as chamas de fogo em água. O fogo representa o inferno, e a água entende-se como abundância da bondade de Deus. A Glória a Deus se faz de forma eterna, ou seja, tudo o que vem de Deus se faz para todo o sempre. Por essa razão é que se faz necessário a família sempre lembrar dos falecidos, a fim de que sempre estejam ao lado de Deus, representado pela Bondade Eterna.

A tradução dos cantos fúnebres da língua ucraniana para a língua portuguesa, segundo o padre Kupicki, não tiveram muito êxito. Para ele, devido o fato da língua ucraniana ser mais abreviada, do que o português, muitos cantos traduzidos perderam o sentido e melodia adequada. “*O canto deve fazer com que a pessoa sinta o seu Espírito elevado, no máximo pode ter um órgão clássico que o acompanhe. Viola? Eu já acho que tira totalmente o sentido dos cânticos.*”⁴² Essa afirmativa refere-se aos cantos utilizados na Igreja Latina onde se faz o uso do violão.

Para ele os cantos devem trazer melodias mais serenas, pois é só desta forma que ele transmitirá a paz e a tranquilidade que as pessoas procuram. Ele recordou-se de uma situação em que um descendente de ucraniano, mas que não era conhecedor da cultura, ia até à Igreja do rito ucraniano, somente para ouvir os cânticos e melodias, pois só lá que ele encontrava a paz e sentia seu espírito elevado.⁴³

As pessoas da comunidade, no que diz respeito as moradoras do interior de Prudentópolis, geralmente costumam fazer guarda⁴⁴ nos velórios durante toda a madrugada, fazendo orações e cantorias especiais para esse momento:

Sempre quando morre alguém da nossa comunidade, em respeito ao falecido e a seus familiares, eu mesma em alguns velórios passei a noite em claro. Há alguns

42 Atanásio Antonio Kupicki, pe. *Entrevista*.

43 Atanásio Antonio Kupicki, pe. *Entrevista*.

44 “Guarda” nos remete à morte de Cristo, onde os soldados faziam a guarda do Corpo de Cristo.

velórios que oferecem pinga, e um banquete.⁴⁵

Segundo a cultura ucraniana, as orações e cantos ajudam a alma subir aos céus mais facilmente. Mas para Kupicki, o essencial seria que os fiéis fossem ao velório rezar um terço, e posteriormente voltassem à missa, pois esses banquetes servidos nos velórios geralmente nos interiores do município, são acompanhados com bebidas alcoólicas.

Segundo relatos do padre Zaluski,

quando as pessoas chegam ao velório, primeiro elas rezam um Pai Nosso e uma Ave-Maria, somente depois é que dizem aos demais presentes no velório: “Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo”. Essa atitude demonstra respeito para com o falecido.⁴⁶

É cultura dos descendentes de ucranianos colocar junto ao falecido um terço, sua aliança, se a pessoa for casada, lembrança da primeira comunhão, a medalha do apostolado de oração e outros pertences religiosos da pessoa. Esse hábito cultural é explicado em razão a devoção dos fiéis, para que esses objetos lembrem da fé que o falecido teve, e que outras pessoas se espelhem em seu modelo de vida cristã. Kupicki relata esse fato comumente entre os descendentes de ucranianos: “*hoje em dia as pessoas costumam colocar os objetos de devoção dos falecidos, antigamente o costume era de colocar objetos de trabalho, como o facão, a foice.*”⁴⁷ Esses objetos representam a força de trabalho, que na época era grande o número de trabalhadores que moravam no interior e que dedicavam seu trabalho à agricultura.

Observa-se que o padre faz menção ao “costume”, no que se refere ao “povo”. Refere-se naquilo em que se representa ao coletivo. A cultura para ele está representada pela Igreja.

E como forma de aviso à comunidade pertencente ao falecido, toca-se o sino da igreja. Se a pessoa falecida for um leigo da Igreja, o toque do sino se dá de forma mais demorada. Percebe-se as diferenciações da cultura no tocar do sino.

As velas também atribuem um valor de crença na ressurreição dos mortos para os descendentes de ucranianos. Acredita-se que a luz irá iluminar a passagem para a vida eterna. Pode-se dizer, que durante todo o ano os antepassados são lembrados, pois tem-se o hábito cultural de sempre levar velas nos túmulos dos falecidos. Encontramos tal afirmação nas palavras de Kupicki: “*Disse Jesus: Eu sou a Luz do mundo e ele é a luz celeste e eterna. O inferno é as trevas. Joga as trevas ao fogo eterno, haverá choro e ranger de dentes: sofrimento*”.⁴⁸ Acredita-se que com a luz, a alma vai viver na Luz

45 Cecília Grechenski, *Entrevista* concedida a Juliane Martenovetko em dia 17/02/2009

46 Tarcisio Zaluski, *pe*, *Entrevista* concedida a Juliane Martenovetko em dia 01/12/2008.

47 Atanásio Antonio Kupicki, *pe*. *Entrevista*.

48 Atanásio Antonio Kupicki, *pe*. *Entrevista*.

Eterna que é Cristo.

O pão também tem um significado cultural no ritual fúnebre. Significa a vida. Normalmente, coloca-se na mesa central da Igreja três pães, que simbolizam a Santíssima Trindade. Posteriormente são distribuídos para os fieis, em sinal de esperança em Vida após a morte. Geralmente se faz a distribuição do pão no 7º dia do falecimento. “*O pão significa vida, assim como o corpo de Cristo, a santa hóstia.*”⁴⁹

As flores também atribuem um valor cultural nos rituais, simbolizando a crença de vida após a morte. Com base nisso, constata-se que os ucranianos ligam natureza e religião e assim dão ritmo ao seu dia a dia e seguem um calendário específico, onde se percebe singularidades até mesmo nos dias em que são provenientes de lembrar-se de seus falecidos, pagando missas pelas almas do purgatório, levando levadas e flores em seus túmulos:

Eu acredito que o mais importante não é acender velas ou levar flores, porque velas se acabam e flores murcham. O mais importante é estar sempre rezando pelos nossos falecidos, nunca esquecer deles. Mas apesar disso eu sempre mantenho o túmulo de meus falecidos bem bonito.⁵⁰

Diante dessa afirmativa podemos concluir que apesar de ter-se a cultura de levar velas e flores, nesse caso as flores e as velas vem representar o belo, a representação de que seus familiares nunca esqueceram de seus falecidos.

Para Kupicki:

Examinando a lei da vida, há sempre uma seqüência, há sempre uma regra, e a vida humana também, e isso pode ser uma cópia de que será lá em cima. Teorias não são verdades absolutas, “evolução” é teoria, mas a base é a criação, observando a natureza podemos ver o pernilongo, tão pequeno, mas que o homem jamais conseguiu copiar algo igual. As flores são obras de artista extra-terreno. A flor é embelezamento, é uma obra-de-arte, e a semente irá dar a continuidade.⁵¹

A partir das entrevistas feitas com o Atanásio Antonio Kupicki, por meio de suas concepções, foi possível tirar algumas conclusões. Em geral os familiares lembram de seus falecidos durante o ano inteiro, por isso é comum sempre orar pelos falecidos, pagar missas⁵² em intenção à sua salvação, acender velas e levar flores até seus túmulos.

Kupicki ainda acrescenta:

As Babas costumam rezar o terço em memória de seus falecidos lá sentadas nos

49 Cecília Grechenski, *Entrevista*.

50 Cecília Grechenski, *Entrevista*.

51 Atanásio Antonio Kupicki, *pe. Entrevista*

52 Pagar missa é um hábito cultural que implica em rezar uma missa em memória a seus falecidos no intuito de que essa missa o ajude a pagar seus pecados.

bancos nos cemitérios. Quando você tem um problema é muito bom você rezar pelas almas. Eu lembro que num tempo de seca, eu fui até ao Cruzeiro, e pedi para as almas ajudar a chover, e a tarde choveu... É muito bom rezar pelas almas.⁵³

Aqui entra um elemento importante, a súplica pelas almas. Os descendentes ucranianos na perspectiva de que são influenciados pelo discurso da igreja e por meio de suas próprias representações acreditam que “*pelo fato delas estarem nos céus, podem ver tudo, inclusive cuidar de nós.*”⁵⁴ Essa é a provável razão de confiarem sua proteção às almas.

Mas segundo Kupicki, há também as almas ruins, “*Várias vezes as almas ruins vieram a noite enquanto eu estava dormindo, e então eu rezava três ave-marias, e elas vão embora.*”⁵⁵ As almas consideradas “ruins” são aquelas almas que ainda não pagaram seus pecados, ou seja, ainda precisam de oração, e cabe ao fiel rezar por elas: “*Ficam entre nós a fim de que oremos por elas, para que assim possam descansar em paz.*”⁵⁶

Dessa forma foi possível analisarmos como a Igreja realiza os rituais fúnebres e continua a reatualizar os mesmos diante das necessidades da atualidade.

Funeral na visão do padre católico do rito latino

Para entendermos as diferenças existentes diante da cultura de um não-ucraniano, foi preciso entrevistar um padre do rito latino. A entrevista foi realizada com o pároco da Igreja Matriz São João Batista, o Padre Francisco de Assis, que atendeu a todas as nossas expectativas.

A primeira questão levada a ele foi se há diferenças entre os ritos, e segundo ele há muitas diferenças, e os diferentes ritos dos funerais exprimem o caráter da morte cristã e respondem às situações e tradições de cada região. O *Ordo exsequiarum*, que significa os rituais das exéquias, da liturgia romana propõe três tipos de celebração dos funerais, correspondendo aos três lugares onde acontece: a casa, a Igreja e o cemitério, de acordo com a importância que a família atribui aos hábitos culturais.

Aos familiares do falecido procuram-se lhes dar o acolhimento da comunidade estes são acolhidos com uma palavra de consolação. No entanto busca-se também passar aos fiéis presentes a perspectiva da fé em Cristo ressuscitado. A palavra dita nessa ocasião fúnebre, exige uma preparação bem

53 Atanásio Antonio Kupicki, pe. *Entrevista* concedida a Juliane Martenovetko em dia 09/03/2009.

54 Cecília Grechenski, *Entrevista*.

55 Atanásio Antonio Kupicki, pe. *Entrevista*. 09/03/2009.

56 Atanásio Antonio Kupicki, pe. *Entrevista*. 09/03/2009.

atenciosa, a homilia em especial deve evitar gênero literário de elogio fúnebre, e sim iluminar o mistério da morte, com a luz que é Cristo Ressuscitado.

Pode-se perceber a diferença que há no discurso sobre a morte, pois de acordo com Assis, não se tem a prática de ressaltar a vida do falecido, fato comumente entre os descendentes de ucranianos. O padre nos explica que o fato de não enfatizar a vida do falecido se dá em razão de que na Assembleia podem estar presentes fiéis pouco assíduos à liturgia e também amigos do falecido que não sejam cristãos. Assim diz Assis:

Em geral costuma-se levar algum objeto que represente e recorde a missão cumprida, torna-se assim viva a memória, modelo e testemunho de vida digna neste mundo e por isso merecedora da eternidade. É interessante lembrar aquilo que a pessoa era, por exemplo, no campo usam bastante ferramentas de trabalho representando sua vida ligada ao campo, livros quando a pessoa era educadora e assim por diante, muitas vezes as pessoas querem fazer discursos, mas aí é só recordação.⁵⁷

Segundo Assis, diferentemente dos descendentes de ucranianos que realizam seus rituais fúnebres carregados de rituais e simbologia, a Igreja latina não acompanha com muitos símbolos o ritual fúnebre, usa-se somente objetos que representam seu trabalho, água benta e incenso.

Outra diferença que Assis evidencia é em relação à prática litúrgica realizada no cemitério. Essa prática pode ser realizada pelos ministros. Eles são preparados para realizar o cerimonial e também confortar a família:

Para os latinos, os leigos, que são chamados de “ministros da Esperança” são preparados para dar os sacramentários, eles tem a função de fazer as orações durante a guarda. A questão é que geralmente os padres tem outros afazeres depois da missa, e os ministros eles tem mais tempo de estar fazendo um cerimonial mais atencioso aos familiares do falecido no cemitério, mesmo que o sacerdote não esteja presente, se o povo tem o costume de fazer celebração faz-se com os ministros que também já estão preparados. Também costuma-se rezar pelos que sofrem, a fim de que tenham o conforto da fé. Os ministros refletem com a palavra sobre a morte, a missão e compromisso cristão de cada um de nós.⁵⁸

Percebe-se assim as diferenças encontradas entre os rituais fúnebres da Igreja Católica de Rito Ucrainiano e a Igreja de Rito Latino. Tais diferenças foram importantes frisá-las para que houvesse um melhor entendimento em relação a cultura ucraniana.

Considerações finais

Para os descendentes de ucranianos, além de conter uma série de rituais, geralmente cabe ao sacerdote realizar esse cerimonial, por ter-se poucos diáconos que auxiliam os padres e que estejam preparados para ajudá-

57 Francisco Assis, pe, *Entrevista* concedida a Juliane Martenovetko em dia 27/05/2009.

58 Francisco Assis, pe, *Entrevista*.

lo, e que geralmente os fiéis tem preferência pelos sacerdotes. Mas segundo Kupicki, as pessoas também podem rezar o *Parastás*, quando o padre não está presente, porém, muitas vezes o *Parastás* é substituído pela reza do terço: “*meu dido também ajudava o padre a rezar o Parastás, quando tinha pouco padre.*”⁵⁹

A substituição do *Parastás* pelo terço justifica-se pela praticidade. Todos podem participar, sem precisar do auxílio de livros, como é o caso do ritual do *Parastás*.

Seria bom se voltasse a rezar o *Parastás* como antigamente, porque senão o povo vai esquecer o resto que ainda tem, mas ele foi substituído pelo terço, por coisas mais práticas, que todos podem rezar, tanto em ucraniano como em português.⁶⁰

Foi possível observar nos depoimentos do padre Kupicki, que o ritual do *Parastás*, por ser considerado o mais complexo, sofreu algumas modificações, mesmo que para ele não tenham-nas ocorridas. A partir do momento que a missa começa a ser rezada também depois do meio-dia, ela vem substituir o *Parastás*:

A missa geralmente dura em torno de quarenta minutos, o *Parastás* também, mas a missa para as pessoas tem muito mais valor. O *Parastás* não foi cancelado, pois não adianta exigir se as pessoas já não têm muito conhecimento.⁶¹

O padre admite que os significados dos rituais, muitas vezes, não são compreendidos. Kupicki justifica que muitos dos rituais fúnebres que hoje não se realizam mais, é devido ao fato de que:

geralmente quem leva os caixões é a funerária, então já não se usa mais fazer alguns rituais, como por exemplo, antigamente costumava-se bater o caixão no chão três vezes como sinal de despedida, e para que o falecido fosse com Deus e não voltasse mais.

Podemos concluir então, que muitos valores atribuídos à morte sofreram mudanças e rupturas com o passar do tempo. Essa nova forma de encarar a morte se dá devido ao processo de racionalização e de individualização. As mudanças ocorrem de forma muito lenta, que muitas vezes são difíceis de serem percebidas.

Devo enfatizar que o presente trabalho não deve ser julgado como algo definitivo e concluído, pois ainda apresenta questões relevantes a serem analisadas, uma vez que a pesquisa também se prende a idéias que apresentam descontinuidades e também mudanças, pois os valores estão mudando de acordo com os pensamentos da época que também interfere nas práticas

59 Atanásio Antonio Kupicki, pe. *Entrevista*. 11/03/2009.

60 Atanásio Antonio Kupicki, pe. *Entrevista*. 11/03/2009.

61 Atanásio Antonio Kupicki, pe. *Entrevista*. 11/03/2009.

culturais, apesar do forte apego em que os descendentes de ucranianos tem em sua religião e a forte intenção em preservá-la.

Assim, diante da importância que representa a discussão em torno da questão da morte na atualidade, creio que essa pesquisa poderá trazer mais uma contribuição significativa ao saber acadêmico, reconhecendo, entretanto, suas limitações e suas continuidades.

Em outro prisma, a pesquisa ainda pode ser vista como elemento de grande importância, para os que vivenciam essas práticas, ou seja, para os descendentes de ucranianos. Mas não há como negar que os imigrantes ucranianos têm cultura e raízes bastante sólida, caso contrário, ela não resistiria ao tempo, tornar-se-ia irreal.

Uma vez que a pesquisa não objetivou narrar a morte, pois a morte é um dos temas mais delicados e controversos da história cultural. Mas a partir da Nova História Cultural, é possível retomar vários estudos, uma vez que a pesquisa ainda pode ser vista através de vários prismas, pois o campo continua aberto para que outros pesquisadores possam dar continuidade e, conseqüentemente, uma maior contribuição nessa área.

Ritos funerarios de la Iglesia Católica de lo rito ucraniano en Prudentópolis-PR

Resumen: La investigación tuvo por objetivo analizar como la Iglesia Católica del Rito Ucrainiano, en la ciudad de Prudentópolis, Paraná, elabora y aplica los rituales fúnebres para sus decendientes. Se pretendió comprender la cultura de los sucesores del pueblo ucraniano, principalmente en relación al modo en que representan la muerte por medio del ritual religioso y establecen relaciones con el sobrenatural partiendo de los rituales fúnebres, los cuales envuelven oraciones como la “*Panaheda*” y la “*Parastás*”. Estas súplicas corresponden a la practica por medio de manifestaciones culturales. Sin embargo fueran estudiados rituales a menudo utilizados en momentos fúnebres entre los decendientes de ucranianos. Por conseqüente fuera indispensable una investigación de las canciones, de las fuentes bibliográficas y fuentes dactiladas como en la revista “*Missionar*”,(Misionero) de escrita mensual, y el periodico “*Praciá*”(trabajo) publicado bimensualmente . Son publicaciones efectuadas en Prudentópolis por los curas Basilianos. Aún los periodicos Missionar y Praciá, poseen páginas que son reservadas a los fallecidos que hacen parte de la comunidad de decendientes ucranianos. También fue utilizada metodología de la Historia Oral, con cita hecha con religiosos de la Iglesia Católica de la ciudad de Prudentópolis. Este método fue una de las alternativas encontradas para estudiar los rituales que aún hoy son recordados en memoria de sus antepasados y posibles discontinuo de la cultura ucraniana. Mientras fuera abordado la Historia Oral, se utilizó declaraciones, memorias, reminiscencias, buscando analizar como la Iglesia comprende su papel de los rituales fúnebres. Muchos rituales son conocidos entre los decendientes de ucranianos, y objetivamos analizar cuales rituales permanecen hasta los días de hoy y cuales fueran modificados.

Palabras –clave: Historia cultural, Cultura ucraniana, Rituales Fúnebres.

Funeral rites of the Catholic Church Ukrainian rite in Prudentópolis-PR

Abstract: This research aims at analyzing the way the Catholic Church of Ukrainian Ceremonial in the town of Prudentópolis, Paraná, works out funeral rituals and applies them to their descendents. It intends to understand the culture of Ukrainian descendents, mainly with regards to the way they represent death through a religious ritual, and the way they establish relationships with the supernatural from funeral rituals, which entangle prayers such as “Panaheda” and “Parastás”. These prayers correspond to practices by means of cultural manifestations. From this point of view, rituals that are usually performed in funerals of Ukrainian descendents have been studied. An analysis of the hymns was made necessary, as well as of the bibliographical source and printed ones, like the Magazine “Missionar” (Missionaire), which is a monthly publication, and the newspaper “Praciá” (Labor), published bimonthly. They are both published by the Basilian priests in Prudentópolis, and they both contain pages addressed to dead people from the community of Ukrainian descendents. The methodology of Oral History has also been used through interviews with religious people from the Catholic Church in Prudentópolis. This approach was one of the ways found to study the rituals that are still remembered in memory of their ancestors and possible discontinuities of the Ukrainian culture. Taking the use of Oral History as a starting point, testimonies, memory and recollections have been used, with the aim of analyzing how the Church sees the role of funeral rituals. A lot of rituals are well-known by the Ukrainian descendents and our purpose was to analyze which ones are still present nowadays, and the ones which have been changed.

Key Words: Cultural History, Ukrainian Culture, Funeral Rituals.

Submetido em: 30/10/2010 - Publicado em: 19/05/2011.